

ANÁLISE DOS ELEMENTOS CATÓLICOS NAS OBRAS DE J. R. R. TOLKIEN

INTRODUÇÃO

John Ronald Reuel Tolkien (J. R. R. Tolkien), nasceu em 3 de janeiro de 1892 em Bloenfontein, no Orange Free State que agora é Free State Province, na África do Sul. Seu pai era Arthur Reuel Tolkien, (1857-1896) que era gerente de um banco inglês e sua mãe era Mabel Suffield (1870-1904) que era dona de casa. Tolkien tinha um irmão que era mais novo que ele Hilary Arthur Reuel, nascido em 17 de fevereiro de 1894. Quando tinha 3 anos, Tolkien mudou-se para a Inglaterra junto com sua mãe e irmão, seu pai havia falecido na África do Sul, vítima da febre reumática antes de ir morar com eles. Essa tragédia deixou a família sem recursos financeiros, assim sua mãe o levou para morar com seus pais em Stirling Road, Birmingham. (WHITE, 2013).



Figura 1 – John Ronald Reuel Tolkien

Mabel era católica, ela educou seus dois filhos à luz dos ensinamentos dessa religião e Ronald, como era conhecido J. R. R. Tolkien na família, era um aluno muito bom. Ela ensinou-lhe uma grande quantidade de botânica, também ensinou suas primeiras noções de latim bem cedo. Ele já conseguia ler quando tinha quatro anos de idade e começou a escrever fluentemente rapidamente. Antes de sua morte, Mabel fez um testamento, em que dizia nele que queria seus filhos sendo educados por um tutor, um padre católico, isto ocorreu porque sua família era protestante da igreja anglicana e a mãe de Tolkien não queria que seus filhos fossem educados por eles, que estavam dispostos a educá-los, porém eles teriam que aceitar a doutrina anglicana. Essa possibilidade não agradava Mabel, por isso ela trabalhava lavando roupa, mesmo estando doente, pois convalescia de diabetes.

Então, pelo excesso de trabalho e complicações devido à doença, ela acabou morrendo. Sendo assim, foi realizado seu desejo em testamento. Seus filhos foram educados por um tutor, o padre Francisco Xavier. Desde sua mãe e também com a ajuda do padre, cresceu a mentalidade e idealização católica de Tolkien. O ambiente católico e a sua mentalidade são inquestionáveis, então em que sentido pode-se dizer que a obra O Senhor dos Anéis é um livro influenciado pelo catolicismo? Quais são os aspectos que deixam essa interpretação evidente?

O presente artigo irá explorar estes aspectos das obras de Tolkien, a presença de elementos católicos, estes que transmitem uma mensagem por trás de toda a obra. O Senhor dos

Anéis é uma grande saga, uma grande luta que mexe com o leitor, o transforma. Quem se aventura a ler tem que estar disposto ao lazer, ao entretenimento e o saber; ter momentos lúdicos faz parte das virtudes. O importante não é o que o leitor fará com O Senhor dos Anéis, mas sim o que a obra fará com o mesmo que vai mexendo no interior dele próprio. A temática da obra não é explicitamente falando de Deus, mas nos conduz de alguma forma a essa luta contra o mal no qual Deus está implicitamente presente.

MATERIAIS E MÉTODOS

O tema principal da obra é a destruição de um Anel. Mas o que é esse Anel da invisibilidade que precisa ser destruído na Montanha da Perdição?

Ele é a tentação e a capacidade do ser humano de se colocar no lugar de Deus. Existem duas formas de agir dentro de O Senhor dos Anéis. A primeira são aquelas pessoas que em contato com a realidade, com os fatos, com a verdade do mundo real deixam transformar a sua alma, então é a verdade que está lá que vai transformando a sua alma, assim como também existe a outra forma de pensar que é querer transformar a verdade, manipulá-la, pervertê-la. Na obra, quem se comporta da primeira forma são os elfos, eles possuem essa essência de benignidade, de aceitar a verdade. Já os orcs, que servem a Sauron e também os uruk-hai que servem à Saruman, não querem transformar a sua alma, ao contrário, querem mudar, torcer, deformar e transformar a realidade naquilo que eles querem. Essas são duas realidades que existem na obra, a forma boa de agir, a do obediente que quando cria não distorce, ele é um co-criador, pois sabe que o Criador Principal é um outro.

Por outro lado existem aqueles que querem perverter a realidade num ato de revolta. Ora, o Anel do poder é exatamente esse tipo de ação, ele é um objeto de quem quer mudar a realidade e fazer as coisas do jeito que o dono quiser. O Anel tem essa capacidade de fazer com que as pessoas tomem o lugar de Deus. Em toda a saga da obra, esse tipo de ação é tido como algo tremendamente errado, possuir o Anel para transformar a realidade mesmo que seja inicialmente com “boas intenções” sempre foi considerado algo mau. O fardo de Frodo tem o poder de destruir a quem o possuir a ponto de ficar irreconhecível. O diálogo entre Gandalf e Frodo em O Senhor dos Anéis – A Sociedade do Anel deixa evidente que existe uma Providência Divina para possuir o Anel.

Por trás disso havia algo mais em ação, além de qualquer desígnio de quem fez o Anel, não posso dizer de modo mais direto. Bilbo estava designado a encontrar o Anel e não por quem o fez, nesse caso você também estava designado a possuí-lo e esse pode ser um pensamento encorajador. (TOLKIEN, 2002, p. 48).

Aristóteles em um de seus quatorze livros escreve a expressão “filosofia primeira”, conhecida hoje também como metafísica, ciência das causas primeiras, dos primeiros princípios e da finalidade das coisas. Na metafísica, Aristóteles traz uma definição sobre as causas das coisas, que caracteriza como sendo quatro: Causa formal, que é a forma, a essência da coisa, a causa



material, que é a matéria de que uma coisa é feita, a causa eficiente, que é a origem da coisa e por último a causa final, ou seja, a finalidade, a razão de algo existir. (JAPIASSÚ; MARCONDES, 2001, P. 191).

Fazendo uma análise da obra de Tolkien com essa teoria de Aristóteles, tem-se que a causa material, que é o que está escrito no livro. Não é religioso. Não se fala em Deus em nenhum lugar no livro, assim como a causa final, ou seja, a finalidade do livro não é para se ensinar catecismo, ele não escreveu para incutir princípios religiosos. Tolkien diz em uma de suas cartas que escreveu o livro para experimentar, para testar sua capacidade de se aventurar numa narrativa longa que pudesse entreter o leitor e prendê-los ao longo dessa grande história, as vezes emocioná-los, edifica-los, entusiasma-los, mas simplesmente essa ideia, a de uma longa fábula. Então nesse sentido de causa material e final não é religioso. Mas é sim religioso na causa formal, a mentalidade daquilo que está escrito no livro é sem dúvida nenhuma uma literatura católica.

O próprio Tolkien diz isso em suas cartas, que sua obra é para compreender que funciona dentro de um ambiente católico. Peter Hastings era dono de uma livraria católica em Oxford, ele escreveu uma carta entusiasmado para Tolkien sobre seu livro O Senhor dos Anéis. Nesta carta ele questionava se o autor não havia passado dos limites nas questões que envolviam a metafísica de Aristóteles. Ele deu vários casos, por exemplo, como o Senhor do Escuro (como também era conhecido o personagem Sauron) poderia ter criado os Orcs e os Trolls?

Hastings deixou subentendido que o mal era incapaz de criar qualquer coisa e argumentava que, mesmo se pudesse criá-los não poderiam tender para o bem. O dono da livraria também estava preocupado com a reencarnação dos elfos, assunto que uma vez conversou com Tolkien.

[...] Não sou metafísico; mas teria achado essa uma metafísica curiosa – não há umas, mas muitas; de fato, potencialmente inúmeras – que declarasse que os meios que se sabe (em um canto tão finito quanto temos noção) terem sido usados são os únicos possíveis, ou eficazes, ou possivelmente aceitáveis a e por Ele! A “reencarnação” pode ser uma má teologia (certamente esta ao invés da metafísica) se aplicada à Humanidade; e meu legendário, especialmente a “Queda de Númenor”, eu se situa imediatamente antes de O Senhor dos Anéis, é baseado totalmente em minha visão: a de que os Homens são essencialmente mortais e não devem tentar tornar-se “imortais” na carne. [...] Sauron, é claro, não era “mau” em origem. Foi um “espírito” corrompido pelo Primeiro Senhor do Escuro (o Primeiro Rebelde subcriativo), Morgoth. Foi-lhe dada uma oportunidade de arrependimento, quando Morgoth foi derrotado, mas não pôde encarar a humilhação da retratação e da súplica pelo perdão; [...] (CARPENTER, TOLKIEN, C. 2006, p. 206)



Mais uma vez, nestas cartas que Tolkien escreve e recebe, fica explícita a importância de sua obra tanto no âmbito católico, quanto no âmbito comum. Ele conseguia mexer com as ideias dos mais diversos leitores com seu livro, chegando assim ao seu objetivo de prender o leitor na durante a sua narrativa. Desde sempre, negou que sua obra fosse um ensinamento católico, essa seria apenas mais uma de várias interpretações que as pessoas poderiam ter de O Senhor dos Anéis. Então, ele nega explicitamente que se trate de uma alegoria.

Essa é uma das grandes diferenças entre Tolkien e C. S. Lewis, escritor de As Crônicas de Nárnia. Autor contemporâneo de Tolkien, que era protestante e foi convertido ao catolicismo pela influencia de Tolkien e pelas leituras de alguns livros de Chesterton, outro grande escritor da Inglaterra. O fato é que Tolkien discorda de Lewis na forma de escrever, o interessante é que no *Pub*, local onde eles sempre se reúnem para discutir suas obras, isso sempre foi alvo de muita controvérsia entre ambos. Lewis, como autor protestante, gostava muito da alegoria, já Tolkien confessava que não gostava dessa prática de que todos os personagens tivessem um significado forçado, pois ele achava que a alegoria era uma espécie de violência do autor para com o leitor, ou seja, o leitor era obrigado a interpretar a alegoria daquele jeito. Um exemplo claro disso é quando se está lendo As Crônicas de Nárnia e o leitor não entender que o personagem Aslam, é uma alegoria à Jesus Cristo, então o mesmo não entendeu nada. Sendo assim, trata-se de uma alegoria, pois terá que interpretar daquele jeito. Já em O Senhor dos Anéis, a interpretação é muito mais rica, todos os personagens podem ter características cristológicas e ao mesmo tempo não ser o Cristo. Todos eles são o Cristo e ao mesmo tempo não são. Por exemplo, pegando-se os personagens principais de O Senhor dos Anéis que são Frodo, Gandalf e Aragorn. De alguma forma, estes três personagens são uma imagem do Cristo que ressuscita. Frodo ressuscita porque vai quase até a morte na Montanha da Perdição para lá derrubar o Anel, Gandalf ressuscita quando enfrenta seu inimigo em Moria, cai nas trevas como Gandalf, o Cinzento e retorna como Gandalf, o Branco e também Aragorn ressuscita, pois ele era o rei não reconhecido e depois torna-se o rei que retorna. Então, os três ressuscitam e os três cumprem a missão de Cristo de Sacerdote, Profeta e Rei. Frodo é sem dúvida o Sacerdote, que se oferece em sacrifício para destruir o mal. O Gandalf é o Profeta que com sua sabedoria e seus conselhos conduz o povo que está lutando contra o mal e Aragorn é o Rei que retorna para governar o seu povo.



Figura 2 – Frodo, Aragorn e Gandalf.

RESULTADOS E DISCUSSÕES



Alguns incrédulos poderiam dizer que o catolicismo do autor é, quando muito, incidental na Terra Média, nome que ele batiza o local dos acontecimentos da história da obra. Eles esbravejam dizendo que O Senhor dos Anéis ocorre num período pré-cristão, que foi muito influenciado pelos mitos nórdicos e outras fontes pagãs. Tolkien respondeu à esses céticos com suas palavras em uma de suas cartas escritas para um amigo, o Padre Robert Murray, na qual dizia:

[...] O Senhor dos Anéis obviamente é uma obra fundamentalmente religiosa e católica; inconscientemente no início, mas conscientemente na revisão. E por isso que não introduzi ou suprimi, praticamente todas as referências a qualquer coisa como “religião”, a cultos ou práticas, no mundo imaginário. Pois o elemento religioso é absorvido na história e no simbolismo[...]. (CARPENTER, TOLKIEN, C. 2006, p. 191).

Tolkien enviou uma parte de sua obra para seu amigo Murray analisa-la. Por sugestão do autor, o padre escreveu suas observações sobre o escrito, como era um amigo muito próximo da família Tolkien, ele teve esse acesso. Uma de suas críticas foi que o livro lhe deixara com uma sensação muito grande de uma “compatibilidade positiva com a ordem da Graça.”

Quando se faz a leitura da obra, em vários momentos pode-se observar que a missão dos personagens sempre estava a beira de falhar, porém esses momentos são, em geral, acobertados por momentos de esperança e de que algo de bom está para acontecer antes do fim.

Frodo suspirou e adormeceu quase antes de Sam terminar sua palavras. Sam, lutava contra o próprio cansaço e segurou a mão de Frodo. Ficou assim sentado até que a noite profunda caiu e então por fim, para manter-se acordado saiu do esconderijo e ficou observado, a região parecia cheia de estalos, rangidos e rugidos dissimulados, mas não havia som de vozes ou passos. Bem em cima de *Efelduath*, no oeste o céu noturno estava pálido e baço, lá espiando por entre os restos de nuvens sobre uma rocha pontiaguda nas montanhas, Sam viu uma estrela branca reluzir por uns momentos, sua beleza arrebatou-lhe o coração, quando desviou os olhos da terra desolada e sentiu a esperança retornar. Pois como um raio cristalino e frio invadiu o pensamento de que afinal de contas, a Sombra era apenas uma coisa pequena e passageira e havia luz e uma beleza nobre que eram eternas e estavam além do alcance dela. (TOLKIEN, 2002, p. 140).

Essa citação da obra O Senhor dos Anéis, denota que quando alguém está sofrendo, passando por alguma dificuldade, lutando contra uma força do mal, que é maior do que as nossas próprias forças, ao redor das pessoas só coisas ruins, deserto, estalos, secura, a água podre e



nuvens pavorosas, assim como foi descrito nessa passagem do livro e de repente, uma clareira no meio das nuvens, uma estrela leva Sam a compreender que existe beleza, bondade, verdade, ou seja, que existe um Deus que está muito acima e muito além desta maldade. Isto faz brotar a esperança. Afinal essa Sombra é apenas uma bobagem que passará e tudo voltará a ser bom e belo como antes. A Sombra com “S” maiúsculo denota toda a maldade que Sauron, personagem que está contra a comitiva que quer destruir o Anel, está espalhando por toda a Terra Média.

Tudo isso ocorre num fenômeno que Tolkien chama de eucatástrofe, que é quando as coisas piores estão acontecendo, tudo é ruim e desesperador, no momento em que não se acha mais uma saída, naquele momento, eis que as coisas começam a mudar de rumo e tudo vai se organizando. Eucatástrofe é o contrário da catástrofe, é a parte boa disso. É quando se vai ao fundo do poço e depois se sai de lá para ressurgir. O motivo para que isso ocorra na obra, foi porque Cristo passou por tudo isso em seu tempo. Foi isso que aconteceu na Ressurreição de Cristo, ela é a eucatástrofe. O Senhor dos Anéis têm essa característica de conduzir o leitor ao abismo para depois o tirar de lá. Com os diferentes caminhos que seus personagens tomam durante toda a história, em todos eles, sempre estiveram a beira de tudo ruir e o Inimigo (outro nome também denotado à Sauron), sair vitorioso dominando toda a Terra Média. Porém, sempre no momento exato de maior dificuldade, naquele momento que as coisas andam tão ruins que seria impossível piorar ocorre a reviravolta, ou seja, a eucatástrofe.

CONCLUSÃO

A forma como o leitor vai interpretar a obra fica a seu critério, já que Tolkien deixa claro essa característica em seu livro. Ele diz que seus personagens podem assumir várias características ao passo que podem também não ser o que aparentam. E essa característica pode ser sentida pelo homem, quando passa por alguma dificuldade, assim o leitor acaba também se identificando com aquela história. Como toda provação na qual se está submetido algum homem na vida, os personagens da obra também passam por isso e evoluem, eles crescem e não retornam mais os mesmos de como saíram antes da jornada acontecer. O sofrimento dá esta têmpera a eles.

Frodo quando retorna para o condado, possui uma experiência de ter participado de uma aventura que mudou o rumo da Terra Média, ele juntamente de seus companheiros que participavam da Sociedade do Anel transformaram-se, viveram novas experiências. Alguns se perderam neste caminho, caso de Boromir que caiu enquanto enfrentava os Uuk-hais de Saruman. Gandalf também muda sua perspectiva na história, em que ocupa o lugar do Mago Branco, tornando-se Gandalf, o Branco. O personagem que mais modifica-se é Aragorn. Ele deixa de ser um errante pelas terras ermas e torna-se o líder dos Homens, sendo coroado Rei de Gondor. Enfrentando seus medos e anseios contribuem muito para esta mudança.





Figura 3 – Frodo e Sam em um dos momentos mais marcantes sobre sua amizade

A comitiva do Anel (nome também dado a Sociedade do Anel), perde um membro, divide-se em um certo momento da saga, porém continua unida no coração daqueles que pertencem à essa irmandade. Este é mais um elemento católico de Tolkien, que indica a maior coisa que se pode fazer pelos amigos, se sacrificar por ele. Esse sacrifício é tão grande, que foi determinante para o sucesso da jornada. A desfragmentação da Sociedade do Anel no âmbito material, denota que não existe vitória sem sacrifício, não existe conquista sem preços. Essa é a mensagem final que Tolkien quer passar em seus livros, o valor da verdadeira amizade, do que se vale a pena lutar, às vezes perder para depois conquistar.

REFERÊNCIAS

1. ARISTÓTELES. **Metafísica**. Liv. I. São Paulo: Loyola, 2002.
2. JAPIASSÚ, Hilton; MARCONDES, Danilo. **Dicionário Básico de Filosofia**. 3. ed. Rio de Janeiro: Jorge Zahar, 2001.
3. MARTINS FILHO, Ives Gandra. **O Mundo do Senhor dos Anéis: Vida e Obra de J.R.R. Tolkien**. Portugal: Publicações Europa-América, 2003.
4. TOLKIEN, Christopher; CARPENTER Humphrey. **As Cartas de J. R. R. Tolkien**. 1.ed. Curitiba, Brasil: Arte & Letra, 2006.
5. TOLKIEN, John Ronald Reuel. **O Senhor dos Anéis: A Sociedade do Anel**. 4ª tiragem. SP. Editora Martins Fontes, 2002.
6. _____, John Ronald Reuel. **O Senhor dos Anéis: As Duas Torres**. 4ª tiragem. SP. Editora Martins Fontes, 2002.
7. _____, John Ronald Reuel. **O Senhor dos Anéis: O Retorno do Rei**. 4ª tiragem. SP. Editora Martins Fontes, 2002.
8. <http://www.openculture.com/2014/04/j-r-r-tolkien-snubs-a-german-publisher.html> acesso em: 13 de maio de 2014.
9. http://thinkingfilmcollective.blogspot.com.br/2013/10/popular-films-as-philosophy_19.html acesso em: 26 de maio de 2014.



10. <http://mundohomecine.blogspot.com.br/2012/11/20-casais-inesqueciveis-do-cinema.html> acesso em: 27 de maio de 2014.

